

O VASSALO

Giovanni Toniatti

turma de 1962

Fev. 2021

Em 1986 eu estava na RHODIA que tinha uma atividade de mineração e, nesta divisão, eu era o gerente executivo, o que seria no jargão corrente o CEO.

A lavra de depósitos minerais era exercida para gerar caixa destinado a custear a identificação, a partir do Brasil, de fontes de minério contendo elementos de terras-raras (ETR).

Para o Grupo dono da RHODIA, a Rhône Poulenc, sociedade industrial francesa sob controle governamental, era estratégico garantir e manter sua liderança mundial na produção de elementos de terras-raras de extrema pureza, a depender, claro, de um suprimento robusto de minérios.

A mineração que fazíamos era exercida pela Mineração Canopus. Minerava-se cassiterita por lavra a céu-aberto em depósitos situados no Pará, junto a um afluente do Rio Iriri. A logística era complexa: todo o suprimento de carga de insumos, principalmente o diesel para geração de energia e operação de máquinas vinha por balsas especialmente construídas para isso, rio-acima desde o porto fluvial de Altamira. O produto, concentrado de cassiterita, seguia na volta. Insumos perecíveis (carne, por exemplo) eram trazidos de avião. A aviação era básica para o transporte de pessoal. Até uma antena parabólica que teve de ser trazida por um DC-3 em função do comprimento das peças... Foi construída uma vila para os operários e residências para técnicos com suas famílias eram inúmeras.

A todo o momento, a seguir a progressão das frentes de lavra, novos acessos eram construídos, pequenas e provisórias obras d'arte eram implantadas...

Isto tudo para dizer que ao longo do tempo, com minha frequente presença, eu havia adquirido uma noção bastante sólida de como implantar uma operação eficiente com base na improvisação a partir de recursos mínimos locais.

Dentre outras oportunidades em análise: Pirocloro de Araxá, acessórios monazíticos nos concentrados da Mina de Pitinga e outros, aqui no Brasil, surgiu uma oferta do governo do Vietnã à Rhône Poulenc: uma ocorrência de ETR associada a um carbonatito, no extremo noroeste daquele país, já no altiplano frente às Montanhas Himalaia, fronteira com a China.

O prospecto tinha características que valiam a pena verificar.

Fui chamado e partimos de Paris. Era uma época favorável entre monções para viajar ao campo naquela região.

Via Índia e Tailândia, transbordo em Bangkok para HoChi Minh Ville (ex Saigon). Dali para Hanói uma última perna, em um quadrimotor Electra, bem cansadinho...

Em Hanói, depois de haver um breve contato com o pessoal de governo com descrição do prospecto geológico, nos separamos da diretoria da Rhône e diplomata que permaneceram para contatos oficiais. Formou-se uma “expedição” em três jipes militares ainda do tempo dos soviéticos - GAZ69 – em bom estado de manutenção.

A equipezinha era de 3 motoristas e seus ajudantes, um cara de intendência, todos militares estes. Mais um comissário do povo, à paisana, chinelas havaianas, capacete colonial, e com uma pistola Makarov enfiada na cintura.

O guia e líder era um jovem engenheiro de minas vietnamita, formado pela renomada Escola de Minas de Freiberg no âmbito de uma bolsa de estudos dada pela Alemanha Oriental Comunista.

Os geólogos éramos eu e o Frédéric Fabre, da Rhône Poulenc, de formatura recente na Universidade de Nancy, formidável companheiro.

No trajeto, a cada limite com um novo distrito, havia um “check point” com uma cancela; feita a identificação e liberação, o guarda no interior da guarita acionava um telefone de manivela, avisando o posto à frente de nossa movimentação...

O Vietnã rural desfilou durante nosso trajeto: muita gente trafegando pela estrada em bicicletas carregadas com um montão de bugigangas, espantoso show de equilíbrio. Na planície o que se via eram predominantemente arrozais de banhado, trabalhados com implementos tracionados por búfalos. As casas de lavrador eram de madeira em troncos, sendo o térreo o estábulo e o sobrado, coberto de palha, a moradia... Nas pequenas colinas, plantio em terraços de arroz de sequeiro. Algum cultivo de chá também.

O pernoite foi em um “hotel” que havia restado de um alojamento gigante que os soviéticos da assistência técnica aos vietcongs haviam construído, todo de módulos pré-moldados, mas verdadeira tapera para nós: água escassa, sem banho. Fronha

sendo a própria camisa, etc. Os lanches ocasionais, precários. Mas estávamos avançando na jornada.

A rota era sobre estradinhas de meia-encosta pavimentadas ainda pelos franceses. O relevo progredindo para o altiplano.

Chegamos em Lai Chau, local mais próximo da ocorrência. Era dia de feira. Habitados a ver passarem os vietnamitas pelo caminho já percorrido, sempre em trajes pardos, esverdeados e caqui, ficamos surpresos com a riqueza e exuberância das vestimentas dos habitantes desta região: coloridos, festivos e super-elaborados. Um pessoal alegre e totalmente diferente dos da planície. É um grupo étnico pequeno (os Moï), formado por descendentes de proto-indochineses mantidos mais ou menos segregados nas montanhas. A feira fazia lembrar os ambientes festivos de feiras no interior do Nordeste brasileiro, com as famílias inteiras a participar dos escambos de alimentos e provisões, carnes a secar ao vento, armarinhos e travessas repletas de frutas... De Lai Chau, a pé seriam cerca de 10km até a ocorrência. Terreno acidentado e dia abafado. Resultado: ao chegarmos a uns 2km do destino, antes de atravessar uma garganta sobre um riacho por uma ponte pênsil bamboleante para uma pessoa de cada vez, entreguei os pontos e, estafado, claro, pedi ao Frédéric e ao engenheiro de minas que completassem a visita técnica.

Em companhia do comissário do povo, descansi um pouco e começamos o regresso e no meio da tarde estávamos chegando em Lai Chau. Terminando de descer uma pequena ladeira, e a

faltar apenas um pedacinho de planície, aparece uma figura impressionante:

Montado em um garboso tordilho, ajazado com pompa – detalhe: sela sem estribos – um cavaleiro, não menos ricamente vestido, com um cobre-cabeça semelhante àquele dos cossacos.

Ele avança num andar majestoso em nossa direção. Parecia munido com o espírito de intimidar-nos de alguma forma. Quando estava bem à nossa frente, parou de chofre e, saltando do cavalo com agilidade, se ajoelha na minha frente, cabeça abaixada devotamente e mãos postas. Depois de um átimo, percorre o olhar sobre mim de baixo para cima e, timidamente, passa os dedos em minha barba.

Monta novamente e se afasta a trote acelerado na direção oposta.

O comissário, com quem eu me comunicava facilmente em francês, ficou sem fala, igual a mim – não sabia explicar o lance...Será que o ginete viu em mim alguma evocação atávica de sua devoção??

Seguimos até o vilarejo e fomos recebidos pela comuna (sede do partido e prefeitura), em um refeitório; chá etc. e o comissário explicou que eu vinha do Brasil. Tento reproduzir as únicas palavras, com interjeições que captei (eles não falavam francês):

“Ah, Bássil, Pêle, Dídi !!

O resultado prático desta viagem, pena, foi desistência do prospecto que, ao que me conste, lá segue intacto.

Voltar para:
CAUSOS & ESTÓRIAS DE GEÓLOGOS
<http://mw.eco.br/ig/causos/index.htm>

Colega: - envie seu caso em Word para
mvinge@terra.com.br